

Governo está preparado para as alterações

Lúcia Toribio

As alterações que o governo fatalmente terá que fazer no seu programa econômico não devem ter repercuções negativas para a popularidade do presidente Sarney, nem na estabilidade política do governo. Pelo menos é isso que esperam os articuladores do Palácio do Planalto. Mas para isso, a equipe do governo — principalmente assessores políticos e econômicos — precisarão chegar a um "bom termo de entendimento" capaz de conduzir o presidente, com segurança, pelo "caminho de ovos" que será a trajetória brasileira no final deste ano e início de 1987.

A **unidade** é o primeiro ponto básico da estratégia do governo para atravessar as mudanças no Plano Cruzado e os "pequenos ajustes de preços" que terão que ocorrer, especialmente no setor de tarifas públicas (a começar por eletricidade e comunicações). E, a contar com o que ocorre hoje, esta será a etapa mais difícil. O segundo é abolir a palavra **descongelamento**. Seja lá o que venha a acontecer, ele sempre será vigorosamente negado.

O trabalho conjunto entre políticos, tecnocratas e comunicadores oficiais deve utilizar também a "estratégia da compensação". Para cada medida anti-pática, o presidente vai guardar, na manga da camisa, um trunfo. Prolongar o prazo da lei que proíbe os despejos (que vence no próximo dia primeiro de março), é um deles. As tabelas seletivas de tarifas é outra. Os mais pobres pagam menos e os mais ricos pagam mais. A mesma fórmula poderá ser aplicada a possíveis aumentos de impostos.

Mais do que nunca, o discurso da "opção pelos pobres" será insistentemente repetido. Qualquer medida que o governo venha a adotar visará a "distribuição de renda e não afetará as camadas pobres da população". Foi assim que a popularidade do presidente atravessou ilesa as primeiras medidas que conduzem ao descongelamento: a sobretaxa na gasolina e no álcool e a desvalorização do cruzado. "Só quem sente isso são as classes média e alta. Para os pobres essas medidas não alteram nada", repetem até hoje os porta-vozes oficiais.

Discurso preparado

Para não conceder aumentos salariais, o discurso também já está preparado. "O descongelamento de salários já existe na prática. O crescimento da oferta de empregos fez com que os níveis salariais aumentassem em consequência da escassez de mão-de-obra", será o argumento. Além do que, as negociações entre patrões e empregados está liberada, e cada categoria terá que provar sua força. Para evitar a onda de greves o governo espera contar com dois fatores: primeiro, a experiência dos seus negociadores, especialmente o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, que será fortalecido pela vitória de Quêrcia em São Paulo. Das urnas também virão o segundo dado positivo para a defesa do presidente Sarney. O PT, e consequentemente a CUT, que conduziu as mais importantes greves registradas no passado recente do Brasil, não só não crescerá como tende a ter menos representação no Congresso do que teve no último período legislativo, o que tornará suas propostas mais vulneráveis.

Dentro do possível está tudo previsto para o governo "enfrentar a tempestade". No tabuleiro de xadrez, os articuladores ainda contam com a dispersão inevitável que as discussões sobre a Constituinte provocarão nos "problemas do dia a dia" da administração pública, que poderão ser relegados ao segundo plano. Até agora, deu tudo certo. O que não significa que os futurologistas sejam infalíveis.